

Quarta-feira, 5 de Setembro de 2007 - Estrasburgo

Direitos humanos e países terceiros (debate)

Ana Maria Gomes (PSE). - Felicitei a colega Elena Valenciano por este importante relatório que faz propostas concretas para envolver o Parlamento Europeu nos diálogos políticos sobre direitos humanos mantidos pelo Conselho e pela Comissão.

Não se procura apenas reforçar interinstitucionalmente a União Europeia como actor global. Trata-se de aproveitar a mais-valia que a participação do Parlamento Europeu pode trazer à substância desses diálogos e aos seus resultados práticos, numa área em que a insensibilidade e o acanhamento de vários governos e instâncias europeias, lamentavelmente, contrasta com o empenho e a liderança histórica do Parlamento Europeu, órgão representativo da voz dos cidadãos europeus.

Temos de reconhecer que abundam casos de incoerência que descredibilizam a Europa. Já esta manhã, no debate sobre terrorismo, verberei a colaboração de governos europeus com o programa de deslocalização da tortura da Administração Bush.

Mas voltemo-nos também para a política europeia de desenvolvimento, que é suposta promover a boa governação, e, portanto, os direitos humanos. A actual Presidência portuguesa pretende até aprofundar as relações europeias neste quadro com África. Mas como explicar que a Comissão e o Conselho Europeu falham no mais básico, em utilizar instrumentos que já têm ao seu alcance, como por exemplo o Acordo de Cotonou, com cláusulas específicas em matéria de direitos humanos?

Para 77 milhões de etíopes e muitos outros milhões de africanos está hoje bem claro que a UE não leva a sério o Acordo de Cotonou. Entre deputados eleitos, jornalistas e activistas que foram encarcerados na Etiópia a seguir às eleições de 2005, observada por uma Missão da União Europeia, 38 foram recentemente libertados graças a reiteradas pressões deste Parlamento e perante o incompreensível silêncio do Conselho.

Mas ainda continuam presos outros, como Netsanet Demissie e Daniel Bekele. Vão eles alguma vez acreditar em Cotonou e na UE? Exemplos de demissão e até de deprimente sujeição por parte de responsáveis da UE ocorrem por todo o globo - de Adis Abeba a Pequim, de Moscovo a Riade, de Teerão a Havana.

Esperemos que não se confirmem as notícias de que um Comissário europeu teria, recentemente, pedido desculpas ao Governo do Sudão, a fim de evitar a expulsão de delegados locais da Comissão.